

ECONOMIA POLÍTICA DO CONHECIMENTO - SUA IMPORTÂNCIA PARA O CONCEITO DE CULTURA

*Guanaira Amaral
Sebastião Vila Nova*

"The great accumulation of knowledge and techniques in a society with a written tradition, a huge population and extensive division of labor makes the educational process impinge differently upon members of the growing generation (...)"

Margaret Mead

O conceito de cultura, em que pese a centralidade da sua importância no estudo da sociedade e do comportamento humano, tem sido definido de diferentes modos, com ênfase em aspectos diversos nele implícitos.

Visto como um processo de transmissão de significados, valores, conhecimento e poder, a ele cabe a definição de Kroeber (1948), que o entende como: "The mass of learned and transmitted motor reactions, habits, techniques, ideas, and values - and the behavior they induce". (Apud Keesing, 1981), ou, ainda, a conhecida definição de Taylor (1871), segundo a qual: "Culture (...) is that whole which includes knowledge, belief, art, moral, law, customs, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society" (Apud Fox, 1998). Em ambas as definições é clara a importância da transmissão simbólica como fundamento da cultura, conforme enfatizado, notadamente, por Leslie White (1955).

Quem transmite o que a quem - este é o núcleo do problema do qual nos ocupamos neste breve artigo. Mesmo que acreditemos que a cultura é um processo de partilha de idéias e significados, ainda assim devemos reparar em quem partilha o que com quem. Mesmo que admitamos a distribuição da cultura entre os membros de uma sociedade - condição **sine qua non** à vida social entre os seres humanos -, não há como fechar os olhos ao fato de que diferentes categorias sociais têm acesso a partes específicas da cultura, algumas das quais de acesso relativamente restrito a determinadas categorias, requerendo, inclusive, treinamento longo e especializado, sobretudo nas sociedades urbano-industriais do presente.

Nestas sociedades, como sabemos, as subculturas (religiosas, etárias, regionais, profissionais, entre outras), desempenham papel de tal relevo que não é possível entender tais sociedades sem atentar para as suas diferenciações subculturais.

Há, ainda, o fato de que diferentes participantes da sociedade possuem diferentes possibilidades de alimentar e fazer acréscimos, em graus e modos diversos, à cultura. É o que faz da cultura uma realidade dinâmica, em constante movimento, um processo e não um simples estado, como tal, imutável.

O conhecimento do mundo, sendo simbolicamente transmitido, é variável de sociedade para sociedade. Mesmo dentro de uma determinada sociedade, o conhecimento varia de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo, de categoria para categoria, de acordo com o sexo, a idade, a ocupação, o nível de instrução, o nível de renda, entre outros fatores. Este processo de distribuição do conhecimento é, em grande medida, responsável pela diversidade de padrões culturais, pela aquisição do saber e, em consequência, pelas atitudes políticas, assim como pelo poder e controle de um grupo ou categoria de indivíduos sobre o restante da sociedade. Esta estrutura social é constatada quer nas complexas sociedades do tipo urbano-industrial quer nas sociedades tribais. Este processo de poder pode ser denominado "economia política do conhecimento" e tem suas raízes na realidade interna de cada cultura. Podemos ilustrar este fenômeno atentando quer para a sociedade australiana, quer para a norte-americana, ou qualquer outra sociedade, tribal ou urbano-industrial. Tomemos como exemplo um acontecimento recente no sistema educacional inglês. O governo britânico promoveu uma reunião de trabalho para determinar o conteúdo do currículo escolar a nível nacional. O tema da discussão do encontro era História, ou seja, como a História da Inglaterra deveria ser ensinada nas escolas. O controle do conhecimento parece, neste caso, bastante claro e é, antes, uma questão de poder de um grupo sobre o restante da sociedade. Como afirmou o porta-voz do Partido Trabalhista Inglês, Jack Straw, para assuntos de educação: "Parents and teachers should be warned that the Prime Minister is trying to control even the history that is taught in schools (...)." (*The Guardian Weekly*, 5 de abril de 1990).

Sabe-se que o desenvolvimento industrial e econômico nos tempos modernos tem provocado uma diferenciação dentro da população das sociedades urbano-industriais, a qual não encontra equivalente em nenhuma sociedade tribal. Diferenciação significa especialização e centralização do conhecimento por parte de determinados grupos, como o dos profissionais de saúde, por exemplo, especialmente os médicos, que detêm o conhecimento da medicina e, conseqüentemente, o poder de decisão sobre a saúde das pessoas, como, do mesmo modo, fazem os economistas, os políticos e outros profissionais em relação a outras áreas da vida social.

A linguagem simbólica constitui o principal instrumento através do qual os seres humanos transmitem conhecimento, atitudes, poder, religião,

entre outros aspectos da cultura. Em nossa sociedade, a especialização criou diferentes linguagens para a comunicação de idéias específicas. As idéias com as quais o cientista, o artista, o comerciante, o industrial, o trabalhador operam são tão distintas entre si que essas categorias possuem apenas uns poucos elementos básicos em comum. Como Franz Boas observou: "(...) it may be observed that those occupations which are intellectually or emotionally most highly specialized require the longest training, and training always means an infusion of historically transmitted ideas" (Apud Robert e Akinsanya, 1976).

Não foi por acaso que, na última década do século passado, Émile Durkheim afirmou que "chegou para sociologia o momento de renunciar os sucessos por assim dizer mundanos, tomando o caráter esotérico que convém a toda ciência" (Durkheim, 1966); "sucesso mundano" significando nesta afirmação, possibilidade de fácil acesso de um conhecimento especializado à totalidade, ou à maioria dos indivíduos em uma sociedade, enquanto "caráter esotérico" representa o domínio exclusivo daquele conhecimento, através de uma linguagem especializada, por parte de uma categoria social, no caso, os sociólogos.

Mais uma vez, o centro do problema está em quem tem poder sobre quem. Nas sociedades ocidentais, com o seu processo de especialização característico, o poder é compartilhado por indivíduos que pertencem à mesma classe, ao mesmo grupo, ou à mesma categoria social.

O uso de uma linguagem específica, assim como a existência de determinadas atitudes e formas de comportamento, torna tais grupos e categorias bastante parecidos com as "sociedades fechadas" ou "secretas" como as que podemos encontrar nas sociedades tribais (Keesing, 1981). Outros aspectos da economia política do conhecimento importantes para qualificar o conceito de cultura em sociedades primitivas ou tribais, tais como as sociedades Kpelle ou Gola, na África, são aqueles relacionados com a estrutura de suas "sociedades secretas". Na nossa sociedade, por outro lado, podemos fazer uso do sistema educacional como uma das mais poderosas instituições na manutenção do conhecimento de grupos específicos, bem como na sua segregação em relação ao resto da sociedade.

Em "sociedades secretas", tais como a sociedade Poro, de homens, e a sociedade Sande, de mulheres, entre aqueles povos, encontramos certos aspectos de sua estrutura que merecem ser analisados em comparação com o sistema educacional da nossa sociedade (Keesing, 1981).

Primeiramente, o longo período de iniciação (quatro ou três anos) lembra o período de escolaridade da nossa sociedade, como demonstrou Murphy: "The man are 'educated' during seclusion in 'bush schools'. Each society has special areas for meeting (...)." (Keesing, 1981). Elas têm o mesmo propósito do nosso período de escolarização, no qual somos educados ou treinados para realizar ou desenvolver determinadas habilidades, ou adquirir algum tipo especial de conhecimento. Em acréscimo, somos segregados em edifícios escolas e campi universitários, os quais

constituem, do mesmo modo que nas sociedades tribais, áreas específicas para a educação.

Em segundo lugar, aquelas duas sociedades secretas (Poro e Sande) possuem diferentes funções. A Sociedade das mulheres tem uma função complementar, embora a sociedade Poro detenha as mais importantes funções no que diz respeito às decisões em relação à comunidade como um todo (Keesing, 1981). Como ainda acontece no nosso sistema educacional, as mulheres são levadas a desenvolver habilidades relacionadas a áreas específicas, e os homens, a outras. Nota-se menos mulheres do que homens ocupando altas posições, inclusive em áreas nas quais elas têm dado contribuição de inegável importância, como no ensino, o bem estar coletivo, os cuidados com as crianças e a saúde.

Em terceiro lugar, o conhecimento que é controlado pela sociedade Poro pode ser dividido em duas importantes áreas: a medicina e a história. Mais uma vez, é forte a correlação com o nosso sistema educacional. Nas sociedades ocidentais, as áreas do conhecimento relacionadas com a saúde são superespecializadas, como são as ciências (História, Sociologia, Direito, Ciência Política, entre outras); somente poucos têm acesso a elas, apenas aqueles que tenham tido acesso a um processo de iniciação.

Também estas duas áreas do conhecimento podem, na maioria das vezes, cobrir quase toda a informação disponível sobre o comportamento do indivíduo e do grupo da nossa sociedade, assim como na sociedade Kpelle. O poder político na sociedade Kpelle é mantido na forma de conhecimento sagrado, só parcialmente aberto ao público.

Em nossa sociedade, nosso "conhecimento sagrado" é mantido através do uso de linguagens específicas, rituais e iniciação específicos em determinados grupos, bem como de meios específicos de proteger tais grupos contra o resto da comunidade (sindicatos de trabalhadores, conselhos, associações, igrejas, por exemplo), os quais só parcialmente são abertos ao resto da sociedade.

Para as sociedades fechadas (sociedades secretas e grupos profissionais) existem expectativas específicas de desempenho provenientes do resto da sociedade e dos membros daqueles grupos. Estas duas fontes de pressão sobre esses grupos auto-segregados contribuem para manutenção não apenas do poder em suas mãos, mas, também, do conhecimento e da sua transmissão.

Finalmente, dois outros aspectos curiosos dessas sociedades secretas estão no controle do produto do trabalho dos jovens e na desigualdade da disposição hierárquica de linhagem (Keesing, 1981).

Como observou Murphy: "While young men do become old men, not all old men become elders (...) Most old men along with women and young men remain junior dependents of the elders of the high ranked lineages". (Apud Keesing, 1981). Na sociedade australiana, por exemplo, como na maioria das sociedades urbano-industriais do presente, inclusive na brasileira, o sistema educacional é legalmente aberto a todos os cidadãos, mas somente

uns poucos chegam a se tornar profissionais qualificados e menos ainda se tornam médicos ou cientistas, de modo geral. Neste caso, a linhagem não tem tanta importância, contudo, sabemos que as famílias ricas permanecem ricas por gerações e gerações. A classe social, neste caso, é, sem dúvida, o mais importante fator de seleção (Ver Tumin 1970, passim). É pouco comum, na Austrália, encontrar um médico oriundo da classe operária.

Por outro lado, o controle do produto do trabalho dos jovens pelos mais velhos situados nas "sociedades secretas" das sociedades tribais pode ser relacionado ao controle do produto do trabalho pelos que estão no poder (no governo, no setor privado, por exemplo), na nossa sociedade. Como estes dois aspectos são mantidos e transmitidos culturalmente através do sistema educacional não é, mais uma vez, difícil de entender.

É sabido que a perpetuação de classes através da transmissão de conhecimento de pais para filhos é continuamente incentivada pelo sistema de educação. As habilidades técnicas são enfatizadas nas escolas públicas, mas não nas escolas particulares ou nas escolas cristãs (na Austrália), mesmo com a existência de um **currículo** nacional. Assim, as famílias desempenham um papel relevante na manutenção de setores da cultura relacionados à sua posição na sociedade bem como no que diz respeito ao acesso ao conhecimento.

Desse modo, o controle dos meios de produção e da força de trabalho por alguns grupos na sociedade capitalista, assim como a ideologia da divisão de classes e sua perpetuação pela super-estrutura (religião, educação, entre outras instituições) são responsáveis pela manutenção do conhecimento do mundo nas mãos de uns poucos grupos.

Portanto, a cultura como um processo de transmissão de significados, valores, conhecimentos, crenças e atitudes, é usada em diferentes sociedades para a manutenção e a transmissão de poder dentro de determinados grupos e categorias sociais, assim como para segregar tais grupos do resto da sociedade, de modo a reter o conhecimento nas mãos de uns poucos.

Contudo, é indiscutível que a dinâmica do processo de transmissão do conhecimento está sujeita a transformação, como a própria cultura. Muitas realizações têm acontecido na história da humanidade, e muitas ainda virão. O homem é capaz de transformar não apenas o seu meio físico, mas, igualmente, as suas maneiras de conviver, de pensar e de organizar a sociedade. Embora o poder constitua um grande e permanente problema para a mente humana, a cada dia os homens estão aprendendo mais sobre ele, e a sobreviver em uma sociedade na qual a cultura, em seu sentido não material, pode ser usada não apenas para a manutenção do **statu quo**, mas, também, como um processo de crescimento e promoção do homem.

BIBLIOGRAFIA USADA

- BATES, S. "Teaching History - the Facts are not Enough", **Guardian Weekly**, v. 142, n. 15: p. 21, 1990.
- CONNELL, R. W., IRVING, T. H. **Class Structure in Austalian History**. Melbourne: Longman Cheshire, 1980.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura de Queiroz, 4 ed. São Paulo: Nacional, 1966.
- FOX, Richard G. "Culture". In: **Encyclopaedia Britannica**, Chicago: Britannica, 1989, v. 16, p. 874-893,
- KEESING, Roger M. **A Cultural Anthropology - A Contemporary Perspective**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1981.
- MERTON, Robert K. **Social Theory and Social Structure**. New York: Free Press, 1968.
- MORRISSEY, M. **Mistaken Identity**. Sydney: Pluto Press, 1988.
- ROBERT, Joan I., AKINSANYA, Sherrie K. (Orgs.). **Educational Patterns and Cultural Configuration**. New York: David Mckay, 1976.
- ROBERTSON, R. "Basic Problems of Definition". In: THOMPSON, K., TUNSTALL, J. (Orgs.). **Sociological Perspectives**. Harmondsworth: Penguin, 1987.
- TUMIM, Melvin M. **Estratificação Social: as formas e funções da desigualdade**. Tradução de Dante Moreira Leite, São Paulo: Pioneira, 1970.
- WHITE, Leslie A. "The Symbol: The Origins and Basis of Human Behavior." In: HOEBEL, E. Adamson, JENNINGS, Jesse D., SMITH, Elmer R. (Orgs.). **Readings in Anthropology** New York: McGraw Hill, p. 303-311, 1955.